sarah affonso
blimunda 88
fundação josé saramago
mensal setembro 2019
um questionário em espanhol
qual de nós morrerá a seguir?
biografias
Raoni Metuktire para Nobel da Paz

Editorial

NOBEL DA PAZ PARA RAONI

#RAONINOBELDAPAZ2020

Leituras

SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante

ANDREIA BRITES E
SARA FIGUEIREDO COSTA

SARAH AFFONSO

SARA FIGUEIREDO COSTA

BIOGRAFIAS

ANDREIA BRITES

And the winner is...

Espelho meu

ANDREIA BRITES

saramaguiana

UM QUESTIONÁRIO EM ESPANHOL

JOSÉ SARAMAGO

AGENDA

Epígrafe

JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 88 setembro 2019

DIRETOR
Sérgio Machado Letria
EDIÇÃO E REDAÇÃO
Andreia Brites
Ricardo Viel
Sara Figueiredo Costa
REVISÃO
FJS
DESIGN
Jorge Silva/silvadesigners

Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO
Fundação José Saramago
NIPC
508 209 307
SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO
Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org
N. registo na ERC 126 238
Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos

Onde estamos
Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here
Metro Subway
Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb
Mon to Sat
10-18h
10 am to 6 pm

EDITORIAL

NOBEL DA PAZ PARA RAONI #RAONINOBELDAPAZ2020

A Fundação José Saramago apoia a iniciativa que propõe a candidatura de Raoni Metuktire para o Prémio Nobel da Paz de 2020. Encabeçada por entidades indigenistas e ambientalistas reunidas em torno da Fundação Darcy Ribeiro, a iniciativa pretende reconhecer o trabalho que cacique vem realizando durante dé-cadas em defesa da Amazónia e pelo direito dos seus povos nativos.

Raoni Metuktire é um nonagenário que há mais de 50 anos dedica-se à preservação das terras e tradições dos povos indígenas. Nos anos 80 tornou-se conhecido internacionalmente ao encabeçar junto com o cantor Sting uma luta pela demarcação de

terras indígenas no Brasil. Finalmente, em 1993, foi criado o Parque Nacional do Xingu com uma superfície de 180 mil km². O cacique da etnia kaiapó também liderou há alguns anos uma campanha contra a construção de barragens. Recentemente esteve por vários países do mundo denunciando a política de destruição do ambiente e violação de direitos humanos promovida pelo atual governo brasileiro.

Num momento de forte ataque ao meio ambiente e às populações indígenas no Brasil, a Fundação José Saramago entende que é fundamental que uma liderança como Raoni Metuktire tenha o seu trabalho reconhecido pela comunidade internacional. A atribuição do Prémio Nobel ao líder indígena seria, além de um merecido reconhecimento ao seu labor, uma maneira de apoiar a luta pela preservação da Amazónia e dos povos indígenas.

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

A revolução do jazz

Miles, em Kind of Blue, propunha algo totalmente novo. A dita improvisação modal, em que a troca veloz dos acordes fica de lado, e os músicos "estacionam" por longos períodos numa mesma escala...

No jornal brasileiro *Plural*, Caetano Galindo assina um artigo sobre o *ano mirabilis* para a música jazz. 1959 foi o ano em que quatro discos essenciais para a história da música do século XX chegaram aos escaparates: «*Mingus Ah Um* foi lançado há seis décadas, no mágico ano de 1959, em que o jazz pareceu tomar um sacudão de proporções épicas. Junto dele, naquele ano, surgiram *Kind of Blue*, de Miles Davis, *Time Out*, de David Brubeck e *The Shape of Jazz to Come*, de Ornette Coleman, quatro novos caminhos, quatro trilhas abertas.» Caetano Galindo percorre os quatro discos com atenção, mas é em *Kind of Blue* que fixa a sua atenção, destacando-lhe a total inovação e o modo como revolucionou tudo o que entendíamos como música até então: «Miles, em *Kind of Blue*, propunha algo totalmente novo. A dita improvisação modal, em que a troca veloz dos acordes fica de lado, e os músicos "estacionam" por longos períodos numa mesma escala... como que rodando sem um centro de referência.

Isso, mais a atmosfera “cool”, mais o frescor de uma sessão de gravação de meras sete horas, sendo que os músicos conheceram os temas apenas no estúdio… tudo isso gerou algo que é nada menos que uma obra-prima da história da música como um todo.
Os outros três discos desse ano mágico também podem ser vistos como respostas ao dilema do cerebralismo do Bebop. Mingus, mais politizado, mais caótico, mais pan-histórico, apresentou sua versão do passado do presente e do futuro do jazz.»

A tortura na ditadura chilena

La violencia sexual sobre las mujeres fue furiosa, desquiciada. Hay escenas simplemente inexplicables, que desbordan nuestra imaginación sobre la condición humana.

Quarenta e seis anos passados sobre o golpe militar contra Salvador Allende, que marcou o início da ditadura no Chile, um livro relembra a máquina maquiavélica da tortura que segurou os alicerces do novo regime. *Así se torturó en Chile (1973-1990)*, editado pelo jornalista Daniel Hopenhayn, compila as passagens mais relevantes (e

também as mais duras) do Informe Valech, o relatório que ajudou a tornar públicas as muitas atrocidades cometidas pela ditadura de Augusto Pinochet, e sobre ele escreve Rocío Montes no *El País*. Um dos aspectos destacados pela jornalista, em conversa com o responsável pelo livro, é o da violência que se exerceu contra as mulheres, nomeadamente a violência de cariz sexual: «"La violencia sexual sobre las mujeres fue furiosa, desquiciada", indica Hopenhayn. "Hay escenas simplemente inexplicables, que desbordan nuestra imaginación sobre la condición humana", señala el periodista, que considera que el Informe Valech –como se conoció el escrito, por el obispo Sergio Valech, que presidió la comisión–, "es un documento histórico extraordinario que, además, está muy bien escrito". "Pero su propia exhaustividad –tiene más de 500 páginas– ha limitado su universo de lectores, relegándolo a un estatus de mamotreto institucional". El editor explica que, por lo tanto, a los 15 años de su publicación original, se consideró que "era un buen momento para difundir en un formato más accesible los pasajes que más importa proteger no solo del olvido, sino incluso de las inercias de una memoria oficial".»

Fernanda Montenegro e o Brasil

Estamos nos transformando em um país conduzido por uma visão religiosa e quem não apoiar não terá nada. E a cultura tornou-se o primeiro item a ser revisto e, se possível, exterminado.

A actriz Fernanda Montenegro celebra 90 anos da vida e, para assinalar a data, publica um livro de memórias onde a história brasileira das últimas décadas está inevitavelmente presente. No Estado de São Paulo, Ubiratan Brasil conversa com a actriz sobre o livro, *Prólogo, Ato, Epílogo*. Da consagração internacional com o filme *Central do Brasil* às pequenas histórias passadas em rodagens de outros filmes ou novelas, Fernanda Montenegro comenta alguns episódios da sua vida com humor e atenção ao detalhe, falando igualmente sobre o seu país na actualidade:

«Há uma mentalidade de censura moral. Estamos nos transformando em um país conduzido por uma visão religiosa e quem não apoiar não terá nada. E a cultura tornou-se o primeiro item a ser revisto e, se possível, exterminado. A arte é demoníaca e nós, artistas, somos o instrumento do demônio.» A actriz, que acaba de ser fotografada para a capa da revista literária Quatro Cinco Um numa pose que denuncia a censura que está a atingir vários livros em diferentes lugares do Brasil, comenta também o sistema político e as suas relações com o passado: «O período militar durou vinte anos e foi marcado por mudanças no comando, mas o sistema era o mesmo, o que se parecia com uma reeleição. Agora, com essa possibilidade prevista em lei, cada político que ganha uma eleição vê uma chance de manter seu partido no poder por vinte anos, o mesmo período da ditadura militar. Herdamos uma deformação política.»

Defender as livrarias

El autor propone levantar el pie del acelerador y recordar que somos cuerpo, que los espacios más adecuados para el diálogo son los bares, los centros culturales, las bibliotecas y la prensa.

Ao longo de vários anos, Jorge Carrión publicou artigos dispersos na imprensa sobre as livrarias e o seu papel no tecido cultural e social das comunidades, alertando para os perigos do crescimento de empresas como a Amazon. Agora, reúne esses artigos num livro intitulado *Contra Amazon (Galaxia Gutenberg)*, sobre o qual escreve Peio H. Riaño no jornal El País, que também conversa com o autor: «“Habría que tomar una decisión de apoyo firme al comercio de cercanía para garantizar la supervivencia de la cultura”, dice el autor de *Librerías*, que propone levantar el pie del acelerador y recordar que somos cuerpo, que los espacios más adecuados para el diálogo son los bares, los centros culturales, las bibliotecas y la prensa. Piensa que es tan importante no ser reaccionarios como conservar y aumentar la inversión pública en estas “estructuras físicas esenciales para las ciudades y la democracia”. Reivindica un ciudadano crítico que defienda el comercio de cercanía y las empresas que pagan impuestos en España.»

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: EPISÓDIOS DE RACISMO QUOTIDIANO
GRADA KILOMBA
ORFEU NEGRO
TRADUÇÃO DE NUNO QUINTAS

Tardou uma década a chegar a Portugal, onde nasceu a sua autora, mas o livro de Grada Kilomba, artista multidisciplinar que tem vindo a questionar o modo como

recebemos sem discutir uma certa leitura da história e do mundo, foi finalmente traduzido (o seu original foi escrito em inglês) numa altura em que o espaço público começa a ver-se ocupado por algumas vozes que sempre se viram dele arredadas. Não é ainda a revolução mental que Grada Kilomba parece procurar, mas talvez seja uma hipótese de início.

Todos os livros começam na capa, mas este tem na cobertura um imediato e significativo indício do que guarda no miolo. O papel espelhado que envolve o livro permite que olhemos o nosso reflexo e isso não é um mero detalhe editorial ou ornamental, é um primeiro embate entre livro e leitor a convocar o gesto necessário para que nos coloquemos em causa. *Memórias da Plantação* resulta da tese de doutoramento em filosofia que a sua autora defendeu na Universidade Livre de Berlim, onde também fez a sua formação em Psicologia Clínica. Os capítulos organizam-se de acordo com temas e ângulos que partem de questões teóricas e métodos de análise, mas parte deles compõe-se de histórias quotidianas de racismo, e também de discriminação de género (uma outra camada a tornar-se imbricada com a primeira e a conferir-lhe outras complexidades), muitas delas vividas pela própria autora. Esse é um dos aspectos centrais deste livro, capaz de sustentar um discurso teórico marcado pela vontade de questionar epistemologias há muito instaladas na academia, mas igualmente capaz de trazer esse discurso para o lugar onde importa discuti-lo, a vida de todos os dias.

Ser a única mulher negra a estudar no departamento de Psicologia Clínica e Psicanálise da universidade

berlinense deu a Grada Kilomba um conjunto de experiências seguramente desagradáveis, mas igualmente uma matéria-prima preciosa para começar a questionar os mecanismos quotidianos do racismo e a procurar as suas raízes profundas, o modo como estrutura socialmente as relações entre pessoas e como se instala nos diferentes níveis de discurso que nos vão regulando a vida em comunidade. Um desses episódios serve de introdução ao capítulo dedicado ao racismo de género e nele a autora conta como um médico, após uma consulta a propósito de uma gripe, lhe perguntou se ela não quereria ir de férias com a família dele para o Algarve, trabalhando na limpeza da casa e na lavagem da roupa e ficando com o enorme privilégio de aproveitar o resto do tempo como quisesse. Grada Kilomba teria doze ou treze anos. As categorias de relacionamento e poder envolvidas neste episódio são muitas, mas partem inevitavelmente do facto de o médico ser um homem branco e de a paciente ser uma rapariga negra: «Neste cenário, a rapariga não é considerada criança, mas empregada. O homem transformou a relação médico/paciente numa relação senhor/empregada: a paciente tornou-se a empregada *negra*, tal como o médico se tornou um senhor *branco* simbólico, construção dupla, tanto por fora quanto por dentro. Nestas construções binárias, a dimensão do poder entre as oposições inverte-se duas vezes. Não é mera questão de "paciente *negro*, médico *branco*", ou de "paciente do sexo feminino, médico do sexo masculino", mas de "mulher paciente *negra*, homem médico *branco*" (…).»

ESTANTE

ANDREIA BRITES

SARA FIGUEIREDO COSTA

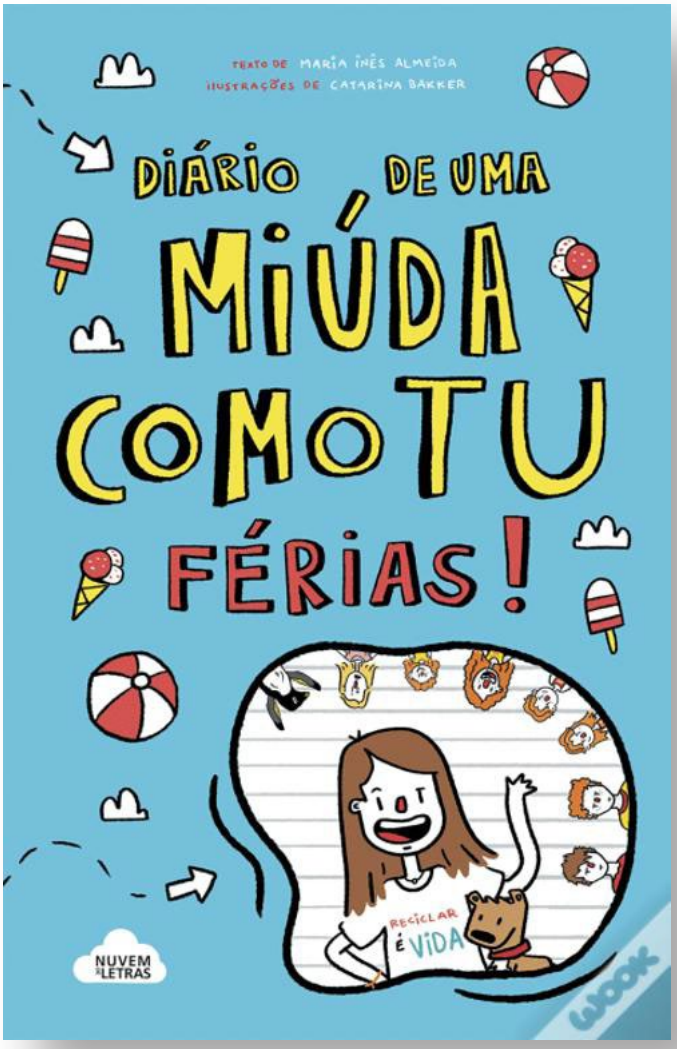
ESTANTE

FUI AO INFERNO E LEMBREI-ME DE TI
LUCA ARGEL
AVERNO

Poeta Brasileiro radicado no Porto, este novo volume de poesia acrescenta novos gestos a um percurso que tem vindo a espalhar-se paulatinamente entre pequenas editoras brasileiras e portuguesas, confirmando uma voz marcada pela atenção reflexiva ao quotidiano, às suas inverosimilhanças e ao equilíbrio instável que exige para que não se tropece de vez. Um poema: «Uma coisa que você vai gostar no inferno// é que por excesso de oferta/ os dentistas/ cobram bem mais barato.»

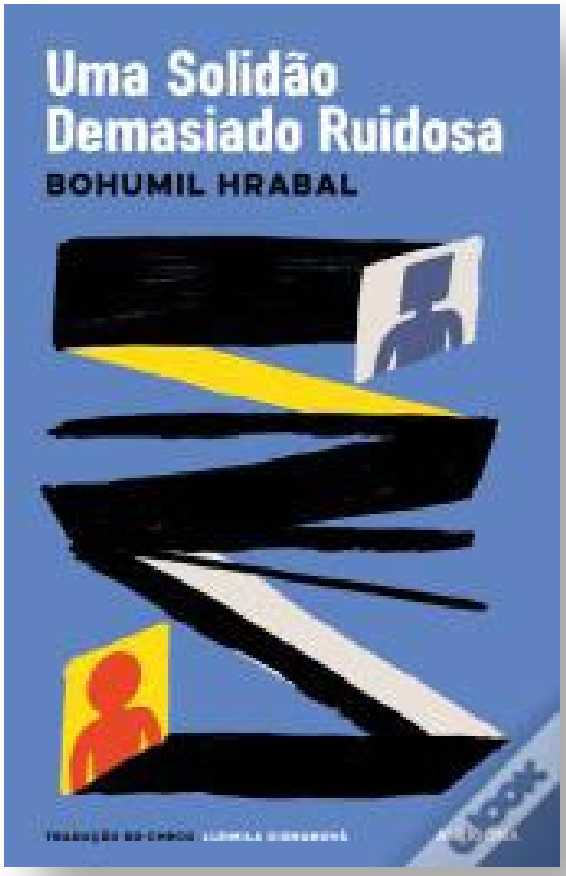
HOT – A CIÊNCIA DEBAIXO DOS LENÇÓIS
ALICE PACE
GRADIVA

Não será o momento mais propício às reflexões científicas, mas o encontro dos corpos em modo erótico não deixa de ser um tema sobre o qual valha a pena aplicar o método de observação científico e é isso que faz a autora italiana Alice Pace, analisando hormonas, moléculas e ligações entre o cérebro, a memória e a pele.



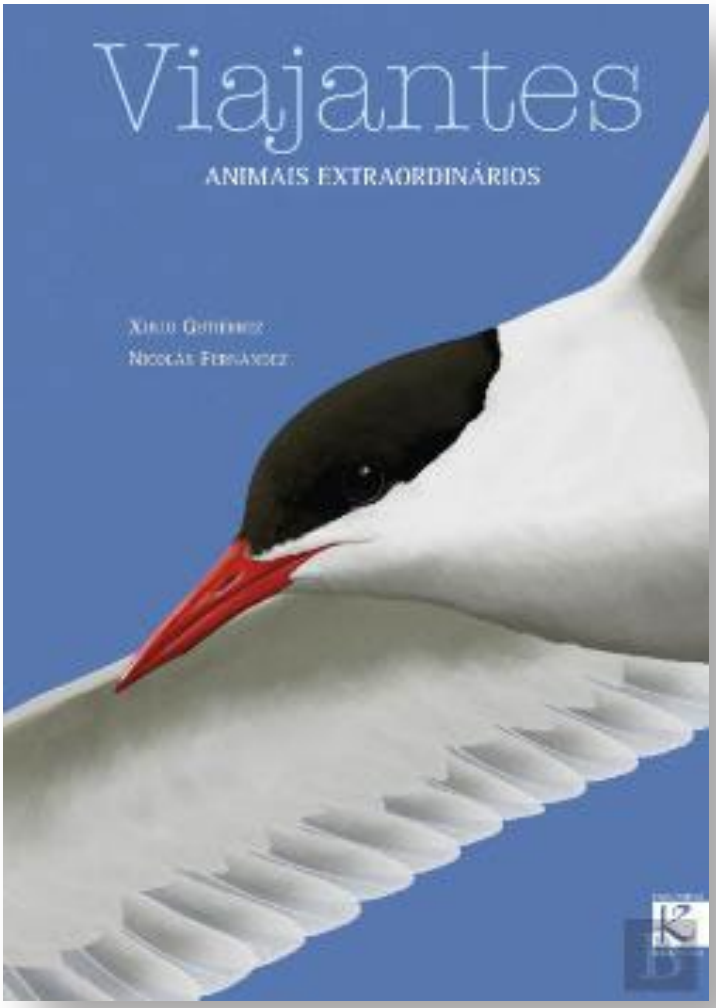
DIÁRIO DE UMA MIÚDA COMO TU - FÉRIAS!
MARIA INÊS ALMEIDA, CATARINA BAKKER
NUVEM DE LETRAS

Contemporâneo e urbano, este diário relata as expectativas, desejos, constatações e acontecimentos que ocorrem na vida de uma menina de dez anos (nove no início do livro) desde o final do ano lectivo ao final das férias grandes. Francisca tem um entusiasmo contagiante e transforma pequenos nadas em marcos históricos da sua biografia. Da relação cómico-trágica que tem com o irmão a uma inimiga de turma, passando pelo seu canal de YouTube, ou pela forma como analisa os pais se faz este livro, amplamente ilustrado como outros do mesmo género.



UMA SOLIDÃO DEMASIADO RUIDOSA
BOHUMIL HRABAL
ANTÍGONA

«Há trinta e cinco anos que trabalho com papel velho, e é essa a minha love story.» Assim começa a história do velho Hanta, que tem por ofício prensar e destruir papel, resgatando, no entanto, da hecatombe os livros a que se vai rendendo e as mais belas descobertas em pilhas de papel – de Kant e Hegel a Camus e Lao-Tsé –, todos eles proibidos pelas autoridades. Ao destruir obras, por ofício, e ao resgatá-las, por amor, Hanta protagoniza este romance – também ele censurado e publicado em samizdat, pequenas edições copiadas clandestinamente – sobre a indestrutibilidade da palavra e o seu poder redentor em tempos bárbaros.



VIAJANTES
XULIO GUTIÉRREZ, NICOLÁS FERNÁNDEZ
FAKTORIA DE LIVROS

Chegou às livrarias um novo álbum científico da colecção Animais Extraordinários, que agrega grupos de animais de acordo com características menos óbvias. Neste caso, trata-se da viagem. Porque são viajantes o tubarão baleia, ou o gnu azul, o caranguejo vermelho ou o lemingue, a andorinha das chaminés ou a formiga-correição? A resposta é simples: para sobreviverem. Seja para encontrarem comida, seja para se protegerem do clima ou para fugirem dos predadores, todos estes animais se deslocam numa determinada geografia, indicada num mapa.

MONSTROS FABULOSOS. DRÁCULA, ALICE, SUPER-HOMEM E OUTROS AMIGOS LITERÁRIOS
ALBERTO MANGUEL
TINTA DA CHINA

O novo livro de Alberto Manguel percorre uma galeria das suas personagens de ficção favoritas, aquelas que começaram a acompanhá-lo na infância, tornando-se figuras essenciais do seu crescimento, do seu desenvolvimento emocional e afectivo e do seu modo de ver o mundo. Porque como diz nas primeiras páginas, «Para os leitores, o mundo revela-se frequentemente através das páginas dos livros.»

DEGELO
IMPULSO
ANDRÉ LETRIA
PATO LÓGICO

Estes dois livros-harmónio recuperam o princípio da narração em movimento, progredindo ligeiramente a cada face. A progressão pode ser de destruição, como acontece com o boneco de gelo em Degelo ou de sucesso, como parece resultar o salto do homem de Impulso. A curiosidade reside aí, no persistir para desvendar. Todavia, os pequenos volumes não valem apenas pelo ritmo que imprimem mas também pelo seu surpreendente e desconcertante final, em tom absurdo que deixa o leitor sem resposta.

LA BILIOTECA DE AGUA
CLARA OBLIGADO
PÁGINAS DE ESPUMA

O novo romance da autora argentina, radicada em Espanha desde os anos 70, percorre alguns dos temas caros à obra de Obligado – a noção de impermanência, a ideia de ser estrangeiro, as heranças culturais – numa narrativa ambientada em Madrid e nos muitos lugares mais ou menos secretos, mais ou menos íntimos, que as suas personagens decidem percorrer.

sarah afonso

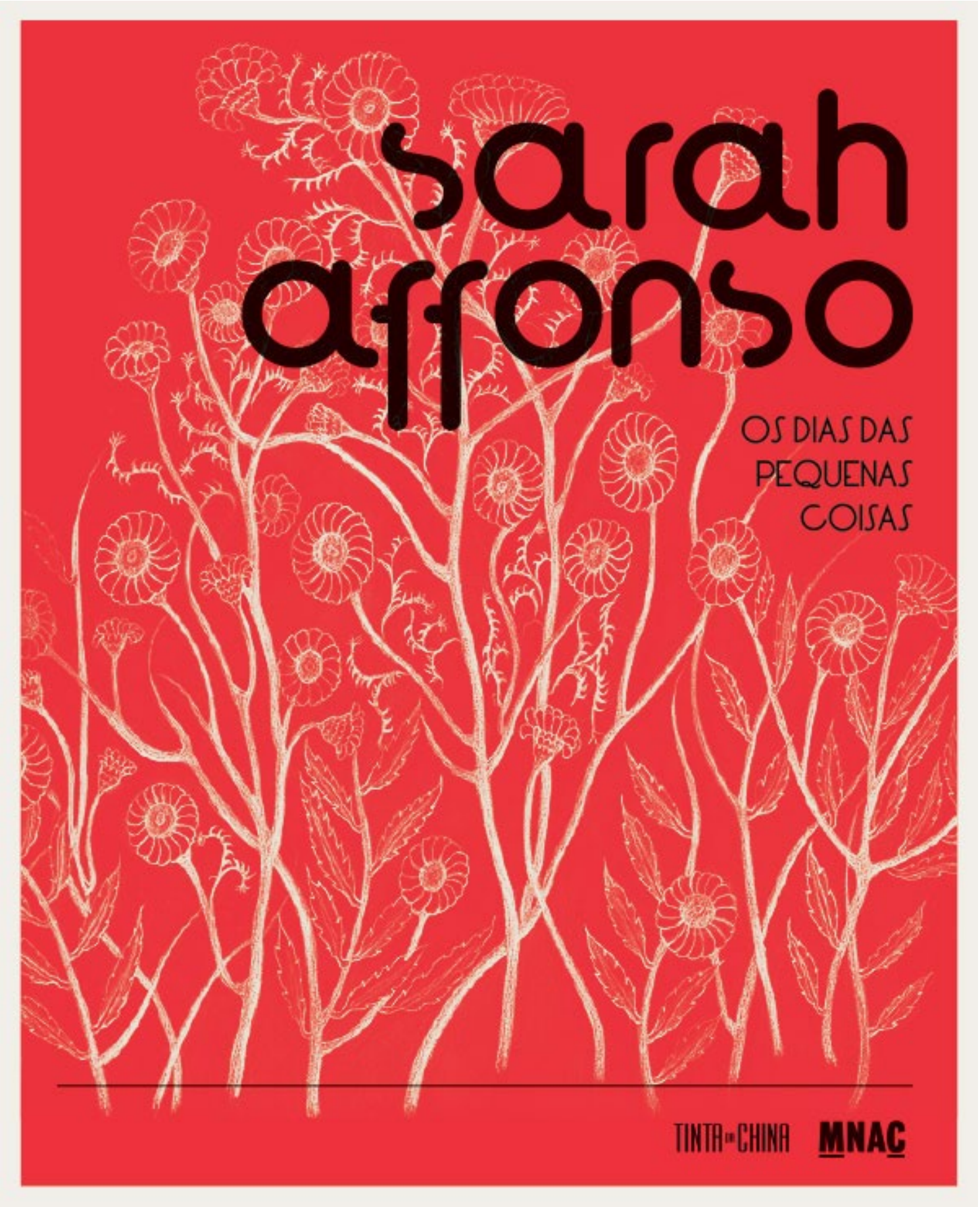
SARA

FIGUEIREDO

COSTA

Duas exposições em cartaz resgatam da privacidade de várias coleções e dos espaços mais discretos de alguns museus a obra de Sarah Affonso, artista cuja obra tem andado afastada do olhar do público, talvez ofuscada pela maior sonoridade dos nomes seus contemporâneos, nomeadamente o de José de Almada Negreiros, com quem foi casada.

Sarah Affonso foi uma das praticantes desse modernismo que cruzou artes, ofícios e linguagens, desarrumou categorias e imprimiu no imaginário comum uma ideia de novo que continua a surpreender e a ecoar, tanto nas artes como no modo como vamos olhando o mundo. Assinalando os cento e vinte anos do nascimento da artista, no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC) pode ver-se, até março do próximo ano, a retrospetiva Sarah Affonso. *Os dias das pequenas coisas*, comissariada por Maria de Aires Silveira e Emília Ferreira, que percorre a obra da artista, organizando-a em núcleos que se relacionam com a técnica, a fase cronológica ou o tema. Na Fundação Calouste Gulbenkian, *Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho*, com curadoria de Ana Vasconcelos, aborda a relação particular e intensa que a artista estabeleceu, no seu trabalho, com a arte popular e a cultura minhotas, fruto de uma infância adolescência passadas em Viana do Castelo. A acompanhar as duas exposições, um livro editado em parceria pela Tinta da China e o MNAC situa a obra de Sarah Affonso, fornecendo linhas de contextualização e leitura. Não é um catálogo *raisonné*, que permita rever no papel todas as obras expostas, mas antes um completo volume que



reúne textos sobre diversas facetas da obra e da vida da artista, acompanhados de uma seleção generosa de imagens.

É na exposição do Museu Nacional de Arte Contemporânea que se torna possível recuperar um percurso geral pela obra de Sarah Affonso e é o retrato que começa por definir um corpo reconhecível na sua obra. Tendo estudado na Escola de Belas Artes, onde teve como mestre Columbano Bordalo Pinheiro, a sua ligação com o retrato foi-se definindo a partir do domínio da técnica, mas igualmente de uma imensa capacidade de captar a dimensão psicológica dos retratados, como pode observar-se nos quadros expostos no MNAC. Os retratos a óleo selecionados para a exposição mostram um traço quase figurado, empastado de cor, onde o realismo é intenso e a expressão emocional notória.

Depois da presença do seu trabalho na exposição dos alunos finalistas da Escola de Belas Artes, em 1923, Sarah Affonso ruma a Paris para cumprir a imprescindível estada na capital francesa que continuava a ser parte da formação artística da época. No texto de Joana Baião dedicado a esta fase, lê-se: «Forçada a regressar a Portugal no final de 1924, por razões familiares, Sarah trouxe consigo uma nova atitude, que sobressaía no contexto de uma Lisboa que agora considerava "muito atrasada". Ganhou então o hábito de fumar e de frequentar a Brasileira: "Fazia aquilo tudo por desafio, tinha vindo de Paris, de forma que trazia um encanto dentro de mim, uma certeza de certas coisas."» (pg.30/31)

Em 1928, o regresso a Paris permite a Sarah Affonso estabelecer contactos com outros artistas radicados na capital francesa, como Vieira da Silva ou Ernesto Canto da Maia, e leva-a a trabalhar no atelier de Sonia Delaunay, experiência que viria a ter um eco muito forte no seu trabalho, sobretudo no desenvolvimento de outras linguagens que não a pintura. Na exposição do MNAC, esse eco vê-se nos bordados, nas roupas e também nas intervenções que foi realizando na Quinta da Lameirinha, onde viveu com a família, cujo terreno se foi transformando num espaço de criação constante. É também em Paris que a artista contacta de modo regular com a obra de pintores como Cézanne ou Matisse, cuja influência podemos verificar em vários quadros expostos no núcleo dedicado à passagem por França, bem como nas obras de ilustração para a infância realizadas para diversas publicações.

É no núcleo dedicado à ilustração para a infância que encontramos uma das facetas do trabalho de Sarah Affonso onde se torna mais notório o cruzamento de linguagens que marcou a sua obra. Nos gestos dialogantes das ilustrações de *Mariazinha em África*, com as cores diretas, os traços concisos e um mínimo de elementos a definirem a expressividade, nos abecedários que criou para o seu

filho Ricardo ou na sequência de ilustrações para *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, estão as linhas programáticas do Modernismo, com o seu diálogo sôfrego entre linguagens e formas, e está também a eficácia sensível de um trabalho artístico que as últimas décadas do século XX deixaram cair no esquecimento, sem nunca conseguirem obliterar a sua força.

MARIAZINHA EM ÁFRICA

Findas as duas exposições, a da Fundação Calouste Gulbenkian em 7 de outubro deste ano e a do MNAC em 22 de março do próximo ano, as obras de Sarah Affonso regressarão aos museus e às coleções particulares a que pertencem. Ficará o livro-catálogo em circulação, registando o ressurgir da sua obra no espaço público e permitindo revistar com a regularidade desejada o trabalho de uma artista tão versátil e completa.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA

GOLEGÃ

10 ANOS YEARS AÑOS

Fundação José Saramago

AMIGO DE SARAMAGO

SEJA AMIGO DA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO E DESFRUTE DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

Fundação José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o

suplemento pernambuco

anual — **R$ 60**
bianual — **R$ 100**

CASA JOSÉ SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

A Casa da Andrea

QUAL DE NÓS MORRERÁ A SEGUIR?

Andrea Zamorano

Gabriela tinha quarenta e seis anos, quase a minha idade, e dois filhos, como eu; trabalhava na área da cultura, num teatro, e morreu degolada pelas mãos do ex-marido que tragicamente decidiu espetacularizar a sua masculinidade assassinando-a. Perseguiu-a na rua, trazia uma navalha nas mãos e usou-a para atacar o peito e o pescoço da vítima. Onze golpes brutais degolaram Gabriela.

A palavra degolada reverbera na minha cabeça que por sorte, sim por sorte, ainda está em cima do meu pescoço. Neste país morreram mais mulheres assassinadas no ano passado do que no anterior. Ainda faltam três meses para o ano acabar, qual de nós morrerá? Estatisticamente está demonstrado que uma nós morrerá vítima de violência doméstica.

Daqui em diante faço o quê? Aguardo até outra mulher ser assassinada, esperando não ser eu. E se um dia o meu companheiro decidir me matar? Então penso, o meu marido não é num celerado, um psicopata como disseram ser o de Gabriela. Uma pesquisa, ainda em curso em Espanha demonstrou que a maioria dos homens que matam não têm nenhum indício ou episódio de violência anterior. Pode não haver uma escalada de agressões como é costume se postular. “Infelizmente, é preciso admitir

que uma pessoa normal pode fazer coisas que não são normais", referiu Juan José Lopes-Ozório, coordenador da área policial da pesquisa.

Os homens que matam mulheres, na sua maior parte, não carregam um transtorno de personalidade. Fazem-no porque o quiseram fazer, entenderam ter esse direito. Em rigor, não se sabe que razões levam um homem a retirar a vida de uma mulher. Acredito que haverá um conjunto de interações uma vez que a violência contra mulheres é transversal às camadas sociais. No entanto, não podemos ignorar o fato da nossa sociedade, desde tempos imemoriais, ter sempre autorizado os homens a fazer o que bem lhes aprouvesse, inclusive a assassinar mulheres. Os homens estão no lugar de poder. E o poder precisa ser exibido, ser demonstrado, caso contrário, não existe. Quando uma mulher desorganiza a ordem estabelecida, o poder tenderá a querer regressar a esse ponto.

Gabriela divorciou-se do marido precisamente a seguir a um episódio de violência, li nos meios que pouco alardearam a sua desgraça. A notícia da sua morte não abriu os telejornais daquele dia, não parou o mundo, não

© ANA PEDROSA RODRIGUES

suspendeu a vida, exceto a de Gabriela. A violência contra mulheres não é íntima, não é privada e nem um fenómeno isolado. Portugal tem baixas taxas de condenações respeitante à violência contra mulheres, o que por certo não desencoraja comportamentos de violência.

As eleições legislativas estão à porta, e apesar de haver em todos os programas eleitorais medidas que contribuem para a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para a Igualdade de Género, promovido pela Organização das Nações Unidas, não há um único programa eleitoral, dos partidos com mais relevância no sistema político português, que apresente propostas específicas para a concretização de metas de acordo com a informação disponível na Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres que analisou e comparou oito programas eleitoreais.

O facínora que assassinou Gabriela agora encontra-se em prisão preventiva. E porque não esteve antes? De que serviu a Gabriela ter denunciado o marido, ter-se separado? Mais uns dias, uns meses de vida? Porque o ex-marido de Gabriela, depois da primeira queixa, não foi de imediato julgado. Porque a justiça pode levar até

oito meses a se pronunciar nessas circunstâncias? E ao fim desse período, caso não haja resposta, então pode-se solicitar a urgência do processo junto do Tribunal. Porque as nossas vidas são tão desimportantes?

E se fosse eu ao invés de Gabriela? Temos de nos colocar no lugar de cada mulher que é assassinada, sentir a dor da vida perdida, chorar juntas e , a seguir, lembrar que a próxima vítima pode ser qualquer uma de nós. Se não nos tornarmos prioridade nas pautas políticas, não amplificarmos a nossa representatividade, estamos condenadas. Não há eufemismo nesta afirmação. Ninguém lutará a nossa luta. Gabriela não queria morrer. Eu também não quero mas mais uma de nós morrerá até ao final deste ano em consequência da violência doméstica.

Agora o Sócio Gerador vem com o cartão para a cultura portuguesa.

+experiências
+descontos
+assinatura Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

biografias

ANDREIA BRITES

APOSTAS DE QUALIDADE
PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL

Uma vaga biográfica

No mercado do livro há uma tradição literária que vem perdurando e nem sempre deixa espaço para a valorização de outros géneros que saiam do âmbito académico. Todavia, a Biografia tem sido aposta de editores e parece que o público não rejeita as novas propostas. Se, em termos diacrónicos, a biografia se viu confinada a um nicho de leitores com elevadas competências de leitura literária, académica, política e sociológica durante grande parte do séc. XX, é um facto que a revolução do sentido da vida de figuras públicas alterou profundamente este paradigma, passando o mercado a impulsionar o extremo simplista e muito acessível das ditas histórias de vida de atrizes e atores, músicos, apresentadores de programas de entretenimento, jogadores de futebol e outras figuras que em comum têm o facto de serem muito conhecidas através dos ecrãs. Faltava preencher um vazio que fosse ao encontro das expectativas de leitores competentes mas não especializados que procurassem vozes distintas e perspectivas múltiplas na arte de encontrar o que dizer sobre figuras relevantes em vários universos das sociedades, quer em termos geográficos quer do ponto de vista da época em que viveram.

Atualmente, parte significativa desse vazio parece estar a ser colmatado por várias editoras, entre as quais

a Tinta da China, a Objetiva, a Presença ou a Bertrand, maioritariamente com traduções.

O caso português

No que respeita aos leitores infantis e juvenis, também temos assistido a um *boom* de biografias, ultrapassando um espectro didático e moralista que pautava muitos destes textos. A editora Pato Lógico, em parceria com a Imprensa Nacional Casa da Moeda, tem vindo a lançar um conjunto de biografias ilustradas de figuras históricas portuguesas, sobretudo do séc. XX mas não só. A coleção, de nome «Grandes Vidas Portuguesas», conta com 14 títulos, de autores tão diversos como António Torrado, Inês Fonseca Santos, Carla Maia de Almeida, José Fanha (na escrita), Tiago Albuquerque, Richard Câmara, João Maio Pinto ou Marta Monteiro (na ilustração) entre outros. As escolhas centram-se sobretudo nas áreas da cultura – Fernando Pessoa e Almada Negreiros, Marquesa de Alorna, Alfredo Keil, José Saramago – e da intervenção pública – Aristides de Sousa Mendes, Humberto Delgado, Salgueiro Maia – mas abrem-se também a casos fronteira, cuja biografia é extraordinária para o contexto sociocultural e político da época em que viveram, como foi o caso de Antónia Ferreira ou Alexandre Serpa Pinto. Com início em 2014, pode dizer-se que foi o primeiro

grande projeto de uma coleção dirigida a crianças e adolescentes que não visa apenas as figuras mais óbvias do panorama histórico e cujo alinhamento gráfico tem um cuidado plástico de objeto artístico, com especial enfoque para a leitura biográfica através da ilustração.

Na última década esta é a única coleção criada de raíz por uma editora portuguesa, escrita e ilustrada por autores portugueses e sobre figuras nacionais.

Três coleções importadas

Poucos anos mais tarde, em 2017, a editora Tinta da China edita quatro volumes da «coleção Antiprincesas», em parceria com a EGEAC. Originalmente publicada na Argentina, pela Chirimbote, esta coleção biografa mulheres que representam diversas formas de ativismo através dos seus atos, compromissos e comportamentos sociais, familiares e públicos. Logo pelo título é possível identificar um manifesto contra um paradigma do imaginário oferecido e imposto às raparigas desde que nascem. A coleção é assumidamente dirigida, por isso, ao público infantil. Para além das oito mulheres biografadas, e de um volume dedicado às Avós da Praça de Maio, a Chirimbote criou a Liga Antiprincesas com aventuras colectivas de mulheres. Em comum, todas

CLARICE LISPECTOR

as figuras têm a origem geográfica na América Latina. A coleção teve sucesso em vários países do continente americano, nomeadamente no Brasil, acabando por chegar parcialmente a Portugal pela mão da editora Tinta da China. Os títulos escolhidos incidem sobre a pintora mexicana Frida Kahlo, a cantora chilena Violeta Parra, a guerrilheira boliviana Juana Azurduy e a escritora brasileira Clarice Lispector (respeitando a ordem cronólogica de edição).

No final de 2018 foi a vez de a Nuvem de Letras lançar a coleção «Meninas pequenas, Grandes Sonhos». Originalmente publicados pela catalã Alba Editorial, os livros começaram a ser editados no final de 2018 em Portugal, contando-se oito títulos até à data. Neste caso, o texto cabe sempre à mesma escritora, Mª Isabel Sánchez Vegara, variando os ilustradores convidados. As biografias contam, em verso e de forma muito sumária, momentos chave da vida de seis mulheres e dois homens do séc. XX, de áreas tão distintas como a ciência, a arte, a política ou a história. Quer isto dizer que a narrativa tem sempre início na infância destacando contextos ou características pessoais que se vão verificar nucleares no percurso de vida de cada biografada, identificando sonhos, desejos e marcas de carácter. Frida Kahlo, Anne Frank, Amelia Earhart, Teresa de Calcutá, Stephen Hawking, Marie Curie, Ella Fitzgerald e Mahatma Gandhi são os oito nomes biografados até ao momento mas, a avaliar pelos

títulos editados pela Alba Editorial, ainda haverá muitos outros possíveis, maioritariamente mulheres.

Já em 2019 foi a vez de a Fábula se lançar também numa coleção de biografias intitulada «Pequenos Livros sobre Grandes Pessoas». Conta com seis títulos e segue um princípio semelhante ao da Nuvem de Letras. Desta feita a edição original é inglesa, pela Laurence King Publishing, e data do ano passado. O texto cabe sempre a Isabel Thomas, variando o ilustrador de livro para livro. Quanto à escolha dos biografados, as épocas históricas são mais variadas e a representatividade masculina é inversa à da coleção da Nuvem de Letras: Fernão Magalhães, Leonardo da Vinci, Anne Frank, Charles Darwin, Frida Kahlo e Nelson Mandela. O conteúdo biográfico é mais aprofundado e a ilustração e o grafismo dialogam e acrescentam informação ao texto. Comparando as duas coleções poderemos considerar que o grafismo mais tradicional da primeira, reforçado pelo texto em verso e a sua dimensão mais sintética, se poderá dirigir a crianças mais novas, eventualmente a pré-leitores, enquanto esta já implica um certo conhecimento do mundo para ser apreendida com facilidade.

O caso Frida Kahlo

Não é inusitado que num momento específico se produzam biografias, testemunhos, entrevistas e documentários sobre determinadas figuras. Aconteceu, por exemplo, com Malala Yousafzai, a jovem paquistanesa nobilizada pelo seu ativismo em defesa do direito à educação. Basta pesquisar num dos sites das grandes cadeias livreiras para encontrar dezenas de livros, entre autobiografias, testemunhos de familiares e especialistas em direitos humanos ou educação, biografias e até guias de estudo. É um fenómeno de apropriação de um tema que interessa a muita gente devido a um acontecimento extraordinário. O mesmo se passa com Greta Thunberg, a adolescente ambientalista cujas intervenções têm vindo a correr mundo, com opiniões distintas.

No entanto, quando se comparam as coleções de biografias, assim como os volumes que congregam pequenos apontamentos sobre mulheres ativistas e determinantes numa época e/ou numa determinada época, há um nome que sempre consta: Frida Kahlo.

Apesar de ser uma figura extraordinária, de ter revolucionado a estética do folclore mexicano e ter ficado até agora associada à identidade do país, apesar do sentido trágico da sua vida e da sua obstinação, apesar do seu comportamento de ruptura com as instituições morais,

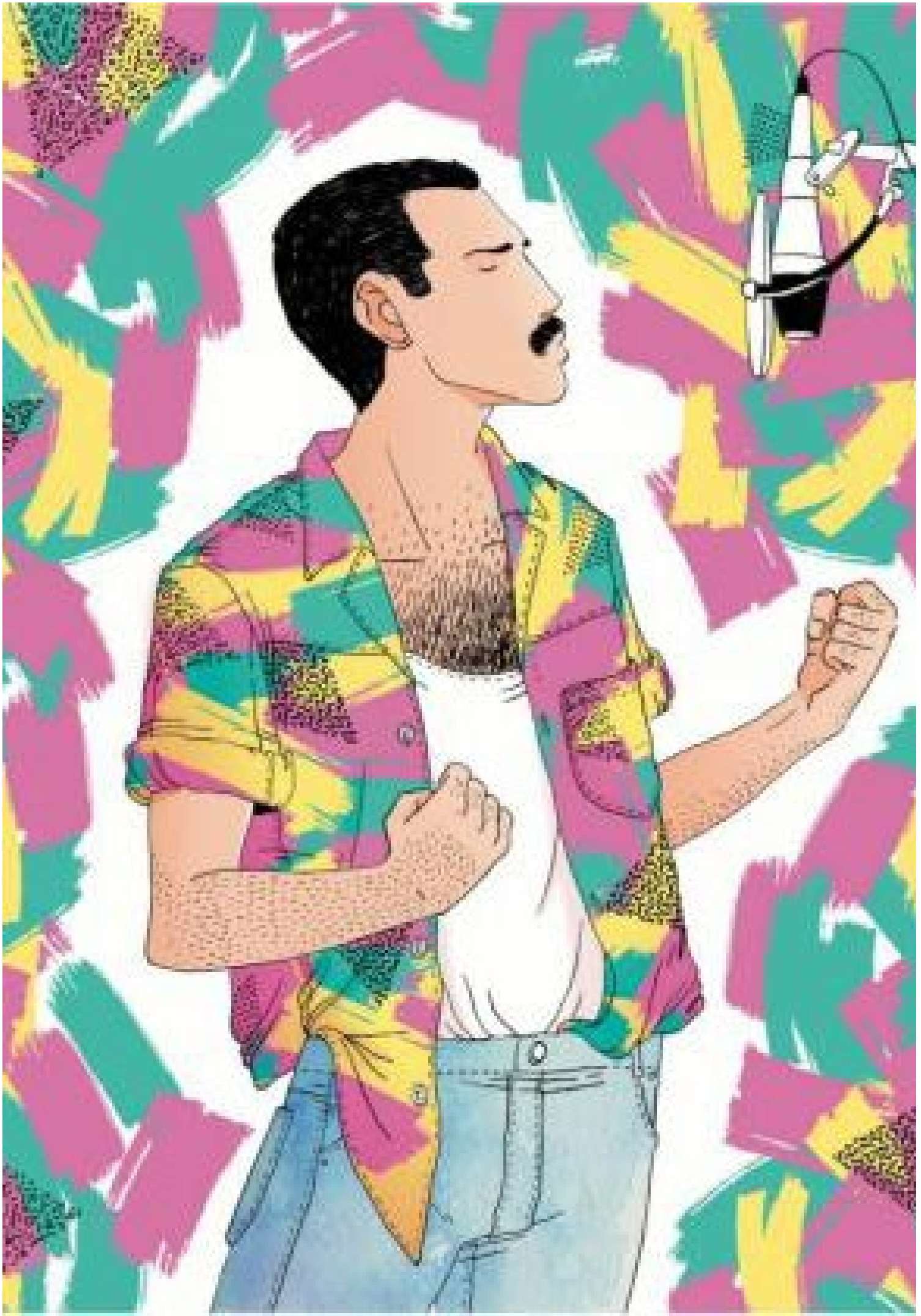
apesar de tudo isso, o que faz de Frida um ícone a que todos recorrem? A história e o marketing trabalham imagens que se transformam em marcas. Marilyn Monroe ou Diana Spencer são dois casos.

A questão menos óbvia será outra: porquê esta aposta consensual na artista mexicana dirigida ao público infantil? Possivelmente porque é icónica para os adultos mediadores?

Seja como for, certo é que Frida Kahlo consta das três colecções descritas acima. O acidente, o sofrimento, a sua arte, o amor são os tópicos principais. No entanto, identificar biografias da artista e descurar o trabalho de Sébastien Perez e Benjamin Lacombe no álbum *Frida*, editado pela Kaladranka seria uma falha de monta. Nesta biografia os autores reconverteram as palavras e as pinturas de Frida no corpo do livro. De alguma forma devolveram-lhe a sua biografia e ofereceram-lhe o lugar de narradora. O álbum respeita a cronologia mas centra-se essencialmente em temas e é a partir daí que as ilustrações e o texto poético se complementam. A informação é secundária num enquadramento de forte intenção simbólica. Não se destinará a crianças, mas será uma obra que qualquer pré-adolescente interessado poderá ler, observar e percorrer com gosto.

Três sugestões

Fora deste contexto de séries e colecções, saíram entre o final de 2018 e o primeiro semestre de 2019 três livros que representam leituras biográficas distintas, quer dos formatos anteriormente descritos, quer de outros geralmente associados a músicos, youtubers e atores muito caros ao público juvenil. *Sou um crime*, a autobiografia do sul africano Trevor Noah foi publicado pela Tinta da China que o apresenta no seu site em conjunto com outros livros dirigidos ao público adulto. Todavia, a história de vida do rapaz que viveu o Apartheid e o pós-apartheid e chegou a apresentador de um dos programas de televisão mais prestigiados dos E.U.A., o Daily Show, pode ecoar com pertinência nas memórias, sentimentos e valores de muitos adolescentes e jovens. A coloquialidade da escrita, os episódios trágicos e cómicos e a descrição aguçada dos espaços, das pessoas e dos seus comportamentos transferem rapidamente o leitor para os subúrbios guetificados de Joanesburgo. Para além do pensamento crítico, o autor reflecte sobre a mãe, essa figura rebelde e dura que o apoia e faz sofrer. Sendo ele um comediante, o humor está sempre presente ao longo dos vários episódios que relata, sem uma preocupação rígida com a ordem cronológica. Esta autobiografia tem por isso tudo para ser do interesse de algum público mais novo que terá acesso a um mundo desconhecido para muitos das



novas gerações europeias. Depois de Nelson Mandela e do enquadramento político dado através da sua figura, chegar a Sou um crime é ver o particular, como se de um estudo de caso se tratasse.

O músico Freddie Mercury foi um ícone do rock, sendo muitas vezes hipervalorizado em relação aos companheiros dos Queen. Nesta biografia escrita e ilustrada por Alfonso Casas (*Freddie Mercury, uma biografia*, Suma de Letras) percorre-se a vida mais ou menos atribulada deste músico e intérprete de excepção. Sendo claramente dirigida ao público juvenil, a obra nem por isso se torna demasiado linear. Começa por se apresentar em capítulos, sendo que cada um representa uma das partes da singularíssima Bohemian Rhapsody. De acordo com o ritmo, assim se traça o percurso do músico britânico nascido em Zanzibar. As ilustrações destacam elementos da sua indumentária nos concertos, reproduções de fotografias e situações e muitos retratos do cantor em palco, em estúdio ou na sua privacidade. Nesta biografia o tom laudatório de exaltação do génio é contrabalançado por críticas ao seu estilo de vida, não deixando de fora conflitos com os amigos mais próximos, nomeadamente os restantes elementos dos Queen. Não é por isso um livro de exaltação e sim o acompanhar das forças e fragilidades desta voz incomparável que, por alguma razão, voltou a conquistar o público adolescente, mais de duas décadas depois da sua morte.

AND THE WINNER IS...

Prémio Nacional de Ilustração

Vencedor André Letria, *A Guerra,* texto de José Jorge Letria, Pato Lógico

Menção Especial Susa Monteiro, *Sonho,* Pato Lógico;
Mariana Rio, *A Casa da Doutora Farnsworth,* texto de Joana Couceiro, Circo das Ideias – Associação Cultural)

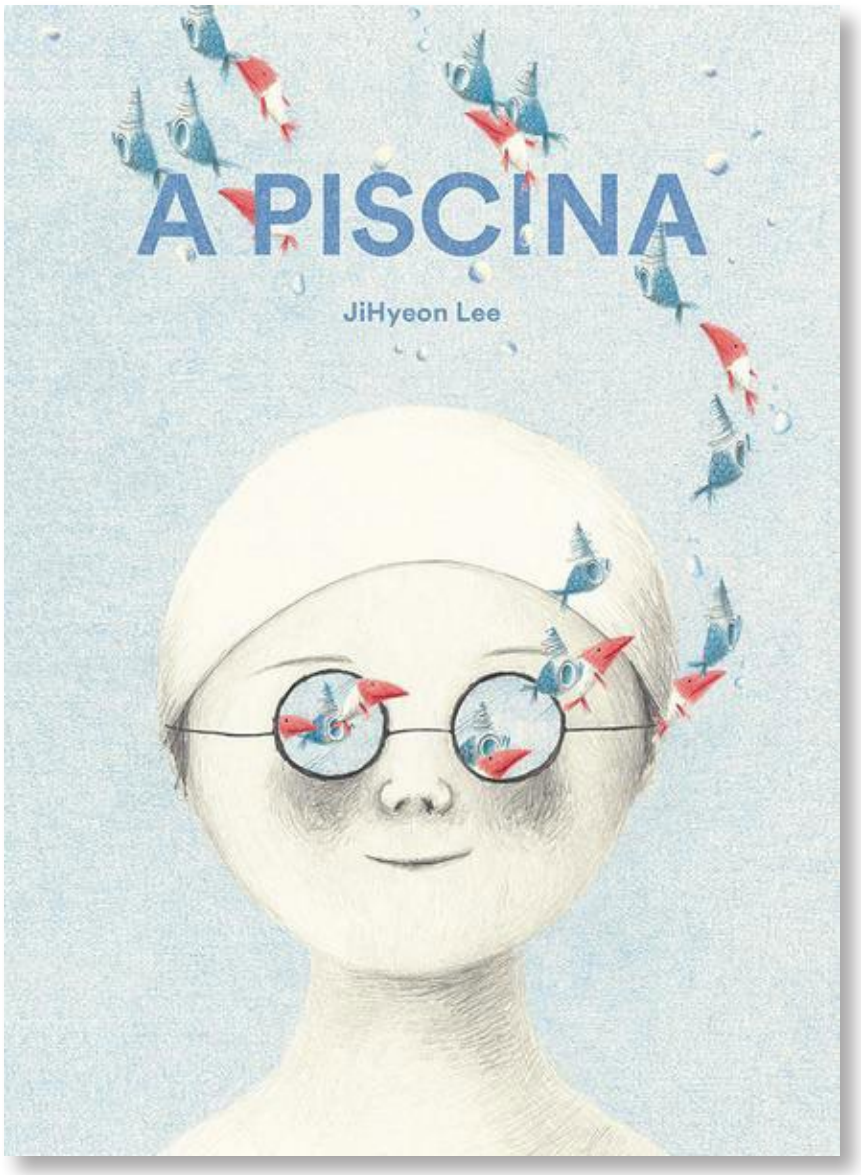
André Letria volta a vencer o Prémio, com que já havia sido distinguido em 1999 pelas ilustrações de *Versos de Fazer Óó*. Susa Monteiro e Mariana Rio estreiam-se nas menções especiais.

Susa Monteiro

Mariana Rio

ESPELHO MEU

ANDREIA BRITES



A Piscina
JiHyeon Lee, Orfeu Negro

O sentido da capa e da contracapa deste álbum sem texto só se desvenda depois da leitura. Como primeira impressão ficam as personagens, rapaz e rapariga, dentro

e fora de água. O azul quase translúcido que cobre toda a área da capa assim como o branco do rosto do menino são avivados pelas criaturas que saem dos óculos de natação. Por muito enigmático que seja o sentido da ilustração, não lhe retira a delicadeza e a harmonia. A narrativa tem início quando o rapaz se aproxima da piscina vazia, do mesmo azul que a capa. Esta observação silenciosa é abruptamente interrompida por uma invasão de banhistas e respetivos acessórios que tomam de assalto a totalidade da área da piscina. Apesar do evidente desconforto, o menino senta-se na beira e põe os pés dentro de água. A ilustração recorta um pouco de água e naquela imagem o protagonista recupera a relação quebrada. É então que mergulha e, surpreendentemente, encontra no fundo da piscina uma menina que o acompanhará numa visita a lugares desconhecidos e inverosímeis. A realidade conturbada, ruidosa e claustrofóbica, causadora de conflitos e competitiva é reduzida ao rectângulo bem definido daquela piscina e ali são notórias as pequenas lutas pelo espaço, as discussões entre banhistas e os movimentos forçados. Ao mergulhar o rapaz escolhe não participar de algo que o incomoda e assim que o faz o ângulo da imagem acompanha-o. Logo ali se dá a ruptura entre os dois mundos: este tem cor, o da superfície é a preto e branco. O par de crianças empreende então a sua aventura de exploração subaquática junto de espécies desconhecidas, bancos de coral, algas e até uma baleia branca! Sem diálogo verbal, cada movimento corporal responde ao outro com variações numa dança que celebra a curiosidade e a empatia.

O uso do lápis de cor permite que os traços que limitam as formas sejam mais delicados assim como a leveza do traço realça a suavidade dos contrastes entre luz e sombra. A vivacidade do universo subaquático não altera este sentido poético que a componente plástica congrega em todos os momentos da narrativa. Podemos considerá-la sobre a amizade, ou sobre a imaginação como solução para romper com a feia realidade mas será mais do que apenas isso. É um álbum sobre o não verbal, sobre o sensorial, sobre a expressão e a criação.

Jim Botão e Lucas, o maquinista
Michael Ende, Presença

É o terceiro título que a Editorial Presença publica do autor alemão, mundialmente conhecido por *História Interminável*. Datada originalmente de 1960, esta narrativa acompanha a epopeia de dois amigos, um menino e um homem, primeiramente em busca de um lugar para viverem com a sua locomotiva e depois para salvarem uma princesa, aprisionada na cidade dos dragões. Sendo este o primeiro livro do autor, a criação de uma geografia paralela parece começar aqui a tomar forma. Dimensões estranhas, lugares inverosímeis, uma mini-comunidade feliz num reino habitado por quatro pessoas... Desde as primeiras páginas o leitor questiona-se e eventualmente luta contra a inverosimilhança do modo de vida em Pacatalândia com as suas duas casas, uma mercearia, um palácio e uma locomotiva. Tudo parece estranho na placidez destas vidas, especialmente quando numa ilha tão pequena vive um maquinista com a sua locomotiva. A quem servem? Nada disso é posto em causa até ao momento em que Jim, a criança que chega, ainda bebé, pelo correio, começa a crescer e o rei denota grande apreensão quanto ao espaço disponível para a habitação. É então que , perante a ameaça de ter de se separar de Ema, a locomotiva, o maquinista Lucas decide partir e o menino, o seu melhor amigo, se junta nesta viagem em busca de novo lar para os três. A chegada a um novo país, Mandala, surpreende a dupla pela diversidade de hábitos e aparência

dos seus habitantes. A certa altura um desafio surge como estratégia perfeita para que ali possam, em contrapartida, ficar. Acontecem várias peripécias que transformam esta decisão numa necessidade e Lucas, Jim e Ema acabam por entrar num outro mundo fantástico. As descrições são apuradas e recorrentes, traçadas a partir da perspectiva dos protagonistas que é, também parcialmente, a do leitor. Apesar de ser este o elemento mais evidente na narrativa, a par da fantasia e da aventura, Michael Ende não descura emoções, afetos, questões de consciência. Lealdade e amizade pautam as ações do menino e do maquinista e, a espaços, podemos assistir a pensamentos ou diálogos sobre entes queridos ou juízos críticos sobre intenções e atitudes daqueles com quem se cruzam. Há um sentido naïf que percorre o texto e que o sustenta num onirismo feliz. Comparando com *Momo* ou com *História Interminável* são claros os pontos de contacto, ao nível dessa construção de mundos alternativos, do sonho e da criança como centro de esperança, coragem e determinação. Contudo, pouco ou nada há aqui de distópico. Pelo contrário, tudo leva à aproximação ao outro.

saramaguiana

Um questio—
nário em
espanhol

Entre os muitos documentos que a Fundação José Saramago conserva na Casa dos Bicos, em Lisboa, está um questionário respondido por José Saramago, em espanhol, para a revista **Tiempo**. *A extinta publicação espanhola enviou certa vez ao escritor uma série de palavras e pediu que ele as comentasse. A revista* **Blimunda** *recupera neste número a opinião do escritor sobre assuntos como a Juventude, a Ignorância, o Dinheiro ou o Fado.*

—— *España*

Una pluralidad singular y una singularidad plural. La contradicción es más aparente que real pero se necesitan mucha inteligencia, mucha sensibilidad y mucho sentido común para resolverla.

—— *África*

El lugar donde el Apocalipsis es cosa de todos los días.

—— *Barricada*

En la calle cuando sea preciso, pero sobretodo en las mentes para que dejemos de ser invadidos por la basura material e inmaterial con que nuestra "maravillosa" sociedad insiste en atiborrarnos.

—— *Camões*

El único ojo que le quedó fue suficiente para mirarnos

(a nosotros, los portugueses) hasta lo más hondo de nuestro espíritu. No todo lo que vio le gustó...

—— *Ejemplar*

Una especie extinta.

—— *Dios*

Hay serias dudas sobre su existencia... Si alguna vez llegaren a confirmarse entonces nos daremos cuenta de que no ha servido para hacernos ni más buenos ni más felices. Dios es una equivocación, quizá la peor de todas. Ni él ha sabido qué hacer con nosotros, ni nosotros hemos sabido qué hacer con él.

—— *Fado*

No me gusta.

—— *Gracias*

Palabra en vía de extinción.

—— *Héroe*

El maestro que después de haber sido insultado, despreciado, agredido por sus alumnos, a la mañana siguiente vuelve a la escuela.

—— *Ignorancia*

El destino fatal de los que humillan a sus maestros. Se están humillando a ellos mismos y no lo saben.

—— *Juventud*

Para unos la estupidez del “botellón”, para otros el dolor de no caber en el mundo, para todos la incomprensión. Mejor que pase deprisa.

—— *Kalahsnikov*

El bolígrafo de los asesinos.

—— *Lanzarote*

Una isla. La mía. La nuestra.

—— *Marx*

Volverá. No sé cuando, pero volverá. En todo caso yo le pediría que tuviera mucho cuidado con la compañía que elija.

—— *Novela*

Ha dejado de ser un género literario para convertirse en un espacio donde todo puede encontrar su lugar, sea la ficción, el drama, el ensayo, la ciencia o la filosofía. La frivolidad también, pero de ello no tiene la pobrecita la culpa.

—— *Océano*

Va en camino de convertirse en la cloaca de la humanidad. Los ríos y los lagos ya lo son, el turno del océano llegará. Nos lavamos y perfumamos mucho, pero ensuciamos todo lo que tocamos.

—— *Pilar*

No es para decirlo aquí. Pilar es Pilar, y basta.

—— *Quimera*

No soy de quimeras.

—— *Rojo*

Mas que una bandera, un estado de espíritu.

—— *$*

El mal necesario. En exceso es la peor de las drogas. Se ha escrito poco sobre la adicción al dinero.

—— *Tirano*

El más peligroso es el que oculta o disimula su cara y su nombre. Por ejemplo, la tiranía del poder económico y financiero. No se han visto nunca criaturas más modestas, tan discretamente entregadas a lo suyo...

—— *Utopía*

Tampoco me gustan las utopías. Imaginar la felicidad de todo el mundo para de aquí a doscientos años es un disparate. Puede que los que entonces vivan tengan una utopía distinta de la nuestra, puede que no tengan ninguna. La única utopía razonable se llama mañana, el mañana que solamente podremos transformar si trabajamos hoy para ello.

—— *Vanidad*

Que tire la primera piedra quien no haya sido nunca vanidoso... Al menos un poquito. Para que no le acusen de no ser humano.

—— *Wanted*

Hay una enorme diferencia entre no encontrar lo que se busca y no buscar lo que ya se sabe donde está. Que lo entienda quien lo pueda entender...

—— *Excluidos*

Más de a mitad de la humanidad está compuesta de excluidos de todo tipo. No cerremos los ojos a esa terrible evidencia.

—— *Yanqui*

Ellos creen que son lo que de más perfecto existe en la especie humana. Nosotros ni lo somos ni lo creemos.

—— *Zancadilla*

El arte más difundido de las relaciones políticas actuales. Los que no zancadillan son zancadillados. Y viceversa.

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com

Fotografia de João Francisco Vilhena

setembro

Até 19 outubro

Emília

Uma peça do dramaturgo e encenador argentino Claudio Tolcachir, fundador da Companhia e Escola Timbre 4, levada à cena pelos Artistas Unidos, com encenação de Jorge Silva Melo.
Lisboa, Teatro da Politécnica.

Até 24 novembro

Indústria, Arte e Letras. 250 Anos da

Imprensa Nacional

Exposição sobre a história da Imprensa Nacional, percorrendo dois séculos e meio da atividade artística, industrial e editorial da empresa. Lisboa, Antigo Picadeiro Real do Colégio dos Nobres.

Até 2 fevereiro

Álvaro Siza: in/disciplina

Um percurso pela obra de Sisa Vieira a partir de esquissos, cadernos de viagens, apontamentos e outros fragmentos que foram acompanhando, e ajudando a dar forma, aos seus projetos arquitetónicos. Porto, Museu Serralves.

4 de outubro
O Republicário

Uma encomenda do Projeto Educativo Convento São Francisco a Ricardo Correia resultou neste espetáculo sobre as bases da República, os modos de exercer a democracia e as maneiras possíveis de vivermos em comunidade. Tondela, ACERT.

4 outubro

A Morte de Danton

Encenação de Nuno Cardoso de uma peça do dramaturgo alemão Georg Büchner, sobre as convulsões sociais e políticas da Revolução Francesa. Braga, Theatro Circo.

5 outubro

A força do feminino na luta por habitação

Conversa entre a artista visual Virgínia de Medeiros e Generosa Maria Lima, Maria Luiza dos Santos, Marineide Jesus da Silva e Sonia Mabel B. Barreto, militantes do Movimento Sem Teto do Centro. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo.

9 a 11 outubro

Viajantes Solitários

Espetáculo do Teatro do Vestido construído a partir de histórias de vida e de estrada partilhadas por camionistas, refletindo sobre a viagem, como nos muda e como nos abre horizontes ou encerra expectativas. Viseu, Teatro Viriato.

10 a 20 outubro

Folio

Mais uma edição do Festival Literário Internacional de Óbidos, com uma programação que inclui debates, apresentações de livros, exposições, oficinas e espetáculos. Óbidos, vários lugares.

Mas o viajante é homem, tem pés para andar e muito caminho à sua frente. Vai tristíssimo. Leva a floresta na memória, mas não lhe poderá chegar com as mãos quando por longe andar, e aqui nem os olhos bastam, aqui todos os sentidos são necessários, e talvez não cheguem

Viagem a Portugal